

## Apresentação

Reorganizar, re-configurar, foram verbos que fizeram parte do dia-a-dia desta Comissão Editorial, que se dispôs, no ano de 2005, a retomar o trabalho de publicação do *Anuário de Literatura*, revista do Curso de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina. Apresentamos à comunidade acadêmica, o número 11 constituído de um conjunto de 10 textos que passaram por uma seleção durante o semestre de 2005/2. Nós, da Comissão Editorial, resolvemos dividir o trabalho com profissionais que formaram o Conselho Consultivo, colaborando, assim, para maior credibilidade, tanto do nosso trabalho enquanto editores, quanto do trabalho dos acadêmicos que compõem essa revista.

Esta edição tem, portanto, dupla função: a de dar continuidade à publicação do *Anuário*, e a de apresentar a produção crítica realizada pelos alunos do curso; o que reflete, através dos artigos aqui publicados, características de um curso ímpar e híbrido que se configura pela possibilidade de ir e vir, de transitar pelas teorias existentes na contemporaneidade, de dobrar e desdobrar conceitos através dos diálogos e das diferenças existentes entre linhas de pesquisa e referenciais teóricos.

Estando diante de textos que, num primeiro momento, nos apresentavam mais diferenças que semelhanças, resolvemos agrupá-los a partir da observação de suas fissuras, ou, da possibilidade de futuras reconfigurações. Assim, o que segundo Walter Benjamin, seria uma constelação aleatória de textos, para nós passa a ser uma construção pensada a partir da escritura, de suas possibilidades de intercâmbio e de re-escritura. Podemos transitar pelos textos, através, das leituras benjaminianas realizadas pela maioria dos estudantes, e, com Benjamin podemos observar tempos diferentes para cada texto e autor, o que respeita a produção em andamento.

É a idéia do desenhar, desenhar-se, re-desenhar, escrever, reescrever, que nos é sugerida a partir da imagem do artista gráfico M.C. Escher<sup>1</sup>, “Drawing Hands”, uma litografia de 1948, que marcou a passagem desse artista que se destacou por ter produzido uma obra grandiosa com mais de 2.000 desenhos e esboços. A imagem, que ilustra a capa deste número da revista, nos ajuda a compreender o momento criativo como um constante ir e vir, como um escrever, “que não cessa de se reescrever”, o qual faz parte do dia-a-dia de cada um que contribuiu com esse *Anuário*.

Desse modo, o desenho e o roteiro começam a ser montados com o tópico **Pensamento em Trânsito**, constituído pelos textos “A imagem do silêncio” de Ieda Maria Magri, e “Peles tatuadas: corpos selvagens, desejos e rastros” de Daniel Correa Felix Campos. Enquanto, Ieda, pela leitura de *Canoas e Marolas* de João Gilberto Noll, apresenta ao leitor, através das personagens que possuem uma caminhada ímpar, à deriva, um breve estudo a respeito da

---

<sup>1</sup> Maurits Cornelius Escher nasceu em Leeuwarden, Netherlands em 1898 e morreu em 1972 em Laren, Netherlands.

modernidade tardia como fruto da apatia e da catástrofe, Daniel Correa Felix de Campos constrói, a partir dos escritos de Jean Genet, um texto em que mescla literatura e psicanálise. Tal como observamos no texto de Ieda, em “Peles tatuadas...” há também uma condição de passagem e exclusão por parte dos tatuados, ou melhor, dos “homens híbridos”, que, ao estarem encarcerados, possuem as marcas do poder, clandestino, na pele, como diria Michel Foucault.

Dando continuidade, temos **Pensamento Imagem**, que se configura com o entrelaçamento dos textos de Felipe Lins e de Olivier Allain. Felipe Lins nos apresenta, através do texto “O literário na era da percepção distraída: uma resistência à violência da metafísica”, a leitura a respeito do filósofo alemão Walter Benjamin, em especial do conceito de “percepção distraída”, realizada pelo filósofo italiano Gianni Vattimo. Felipe ressalta em seu texto as diferenças existentes no interior de cada teórico, mostrando assim, que a literatura se constitui a partir de desníveis que operam processos heterogêneos advindos de várias áreas do conhecimento, inclusive, dos estudos culturais, o que vem fortalecer a literatura “na era da percepção distraída”. Já o texto de Olivier Allain, “Mimese do real e o real da mimese: a teatralidade obscena em Bernardo Carvalho”, traz até o leitor a obra do escritor Bernardo Carvalho, apontando no texto desse escritor características que nos remetem à prática teatral, quer seja através de insinuações ao usar determinadas palavras, quer seja através do desdobramento das ações das personagens. Para tanto, Olivier faz uso da palavra de teóricos como Jacques Derrida, Philippe Lacoue-Labarthe, Giorgio Agamben, Hal Foster, Jacques Lacan entre outros, o que faz com que nos deparemos com a “visão” de um constante atravessamento de teoria, literatura e teatro.

Em **Outra Imagem** concentramos os textos de Daniel de Oliveira Gomes, Keli Cristina Pacheco, e Raul José Matos de Arruda Filho. O texto de Daniel é uma reflexão realizada sob o título “Saint-Exupéry, na margem dos amigos”, em que, através da leitura de Maurice Blanchot, propõem uma abordagem a respeito da amizade e da leitura na obra de Antoine de Saint-Exupéry. Tanto a leitura quanto a amizade são colocadas num mesmo patamar, enquanto desenvolvimento de procedimentos, que se voltam para um pensamento periférico, em que uma se converge na outra no momento íntimo do ato de leitura, de re-leitura. Keli Cristina Pacheco em seu artigo “A cabeça *erguida* de Lima Barreto”, nos oferece um estudo da imagem através de fotografias do escritor Lima Barreto. A partir de um texto de Walter Benjamin a respeito de Kafka, Keli apresenta as fotografias e nos revela os “olhos incomensuravelmente distantes de Lima Barreto”, nos propondo, assim, que o exílio é um estado de alma, e não somente uma condição. Nesse sentido traz à baila, para construir a sua análise desde Kafka, Benjamin, Nancy, passando por José de Alencar e Sérgio Buarque de Holanda, só para citar alguns. No texto “O olhar insuficiente do professor de matemática”, Raul José Matos de Arruda Filho trabalha com o conto de Clarice Lispector chamado “O crime do professor de matemática”, em que discute a reeducação do olhar através da percepção. Raul elabora um texto através de subtítulos que atuam como um caleidoscópio, ou, como diria

Benjamin, como uma constelação que reflete um fragmento no outro, e assim, é possível construir sentido através de sua fissura.

E para encerrar o roteiro e o desenho, ou para recomeçá-los, temos **Instituição Imagem Pensamento** que se consolida com textos de Mauren Pavão Przybylski, João Nilson P. de Alencar e Clarice Fortkamp Caldin. “Memória e identidade em Carlos Heitor Cony: uma análise de *Quase-memória, Quase romance*” é o artigo que Mauren Pavão Przybylski traz à tona, por meio da análise da obra de Carlos Heitor Cony, imagens da instituição por meio da relação pai – filho ao demonstrar como a narrativa vai sendo construída proustianamente, rememorando e mesclando ficção e realidade através de um discurso repleto de fissuras no tempo. “FICCIONALIZANDO... Uma leitura da pós-pedagogia”, de João Nilson P. de Alencar é uma reflexão a respeito da instituição em que contrapõe, inicialmente, o pensamento de Peter Sloterdijk com o de Gilles Deleuze e Félix Guattari, observando que só é possível uma pós-pedagogia a partir da ficcionalização e do “corte no/do discurso”, ou seja, de uma montagem do discurso/da ficção. Nesse sentido, Nietzsche, Benjamin passam a ser imprescindíveis para o texto, pois, colaboram para a compreensão do pensar contemporâneo. É importante ressaltar que João, ao mesmo tempo, que reivindica um corte, estabelece, ele mesmo, em seu texto, através dos negritos, dos avisos de corte que, por si só, já constroem um outro texto paralelo, assim como, a pontuação também concorda com o jogo de quem escreve, e com os questionamentos de quem lê. O artigo “A criança no olhar de Machado de Assis”, de Clarice Fortkamp Caldin é uma leitura de “Conto de escola” de Machado de Assis em que ressalta o poder da instituição através da figura do professor. Clarice traz à baila Gilberto Freyre para ler a sociedade fluminense, de 1840, narrada por Machado de Assis nesse conto, o qual reflete sobre a educação como algo necessário e obrigatório, registrando, ao mesmo tempo, uma “pedagogia sádica”.

Eis o nosso roteiro de leitura em que, como se pode esperar, há oscilações que contribuem para estimular o desejo de ir adiante, de virar a página e construir, assim, a cada texto uma reflexão coletiva. Para encerrar nossa apresentação registramos nosso agradecimento a todos que contribuíram para a realização desse número do *Anuário de Literatura*.

Comissão Editorial